

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral

Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

e-mail : *ceclx@sapo.pt*

ANO 41

2024

Nº. 254

MARÇO - ABRIL

(Não aderimos ao último acordo ortográfico)

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217647441	Editorial	2
	Recordando A. Kardec	3
	Parlamento das Vozes...	10
	As dádivas da Páscoa	12
	Ser Semeador...	14
	Homenagem a Kardec	15
*	Missão da Mulher	16
Director Responsável : Manuela Vasconcelos	Ser Feliz	19
	Ser Mulher...	21
	Pais Maus	22
•	Existe 1 Pedagogia Esp.?	25
Distribuição Gratuita	*	

*

EDITORIAL

Temos confessado – ou pelo menos dado a entender – o quanto nos é difícil, quase sempre, começarmos cada exemplar da nossa Revista pela dificuldade de escrevermos sobre o ‘Editorial’. Que dizer? Que referir? Que tema abordar? E hoje, mais uma vez, a dificuldade surge... mas lembramos o mês prestes a iniciar-se e, sem percebermos como (!?!?!?) o assunto surge. Assim, vamos explicar alguns dos artigos que vão ler.

Conforme já várias vezes referimos, gostamos de pesquisa; ela dá-nos a oportunidade de saber aquilo que, anteriormente, desconhecíamos sobre o tema que procuramos e sobre o seu início ou passado. Aconteceu o mesmo agora com parte dos textos que vão ser transcritos, tudo isto porque estivemos a reler uma biografia sobre o Espírito Cáritas e quisemos partilhar parte do que lemos, sendo oportunos os dois artigos que transcrevemos mais à frente., embora um deles não seja por si assinado mas, antes, por Allan Kardec. E este texto recordou-nos muito do que leramos anteriormente sobre a mulher, tão desconsiderada (desclassificada) no tempo de Jesus e que o Divino Amigo começou a considerar – digamos assim – na maneira como as tratou a todas, inclusive a sua própria Mãe, de que o bispo escritor espanhol, já desencarnado, Inácio de Larrañaga, na sua obra ‘O Silêncio de Maria’ refere, quando afirma que as Bem-Aventuranças do

Sermão da Montanha são, todas elas, baseadas na maneira de ser de Maria.

Essa desconsideração lembra-nos ainda a maneira como cada uma era chamada, pelo vocativo ‘mulher’, sem se usar o próprio nome: a mulher era, realmente, um ‘verbo de encher’ ou ‘pau para toda a obra’, mas sem ser autorizada a dar a sua opinião, fosse a que respeito fosse. Mas o exemplo de Jesus não morreu, antes cresceu ao longo dos tempos, e a mulher, hoje, tem o seu lugar na Sociedade da mesma maneira que o homem.

Então, vamos referir a Mulher, nas nossas páginas... vamos referir Kardec, de que passa mais um aniversário do seu desencarne a 31 de Março, e, se sobrar espaço para mais um ou outro tema, ele surgirá no momento preciso, tentando sempre e da mesma maneira transmitir não só algum conhecimento como tentando que a leitura que surja seja sempre agradável.

E vamos, com certeza, referir a Páscoa de Jesus, lembrando a ‘morte’ do Ser que desceu á Terra para nos ensinar o caminho para o Pai. Boa leitura, então.

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

AS MULHERES TÊM ALMA?

As mulheres têm alma? Sabe-se que a coisa nem sempre foi tida como certa, pois, ao que se diz, foi posta

em deliberação num concílio. A negação ainda é um princípio de fé em certos povos. Sabe-se a que grau de aviltamento essa crença as reduziu na maior parte das regiões do Oriente. Posto que hoje, nos povos civilizados, a questão seja resolvida em seu favor, o preconceito de sua inferioridade moral perpetuou-se a tal ponto que um escritor do século passado, cujo nome me escapa, assim definia a mulher: “Instrumento de prazer do homem”, definição mais muçulmana que cristã. Desse preconceito nasceu sua inferioridade legal, ainda não apagada de nossos códigos. Por muito tempo elas aceitaram essa escravização como uma coisa natural, tão poderosa é a força do hábito. Assim, também, os que, votados á servidão de pai a filho, acabam por se julgarem de natureza diversa da dos seus senhores.

Contudo, o progresso das luzes ergueu a mulher na opinião. Muitas vezes ela se afirmou pela inteligência e pelo génio e a lei, posto ainda a considerasse menor, pouco a pouco afrouxou os laços da tutela. Pode-se considera-la como emancipada moralmente, se não o é legalmente. É a este último resultado que ela chegará um dia, pela força das coisas.

Ultimamente lia-se nos jornais que uma jovem de vinte anos acabava de defender o bacharelato com pleno sucesso perante a faculdade de Montpellier. Dizia-se que era o quarto diploma de bacharel concedido a uma mulher. Ainda não há muito tempo foi agitada a questão de saber se o grau de bacharel podia ser concedido a uma mulher. Posto a alguns isto parecesse uma anomalia monstruosa, reconheceu-se que os regulamentos sobre a matéria não mencionavam as mulheres e, assim, não se achavam legalmente excluídas. Depois de ter reconhecido que elas

tinham alma, reconheceram-lhes o direito à conquista de graus da ciência. Já é alguma coisa. Mas a sua libertação parcial é apenas resultado do desenvolvimento da urbanidade, do abrandamento dos costumes ou, se se quiser, de um sentimento mais exacto da justiça. É uma espécie de concessão que lhes fazem e, é bom dizer, que lhes rendem o mais possível.

A dúvida quanto a alma da mulher hoje seria ridícula; mas outra questão muito séria, sob outro aspecto, aqui se apresenta e a solução só será estabelecida se a igualdade de posição social entre o homem e a mulher for um direito natural, ou uma concessão feita pelo homem. Notemos, de passagem, que se esta igualdade não for senão uma concessão do homem por condescendência, aquilo que ele deu hoje pode ser retirado amanhã e que, tendo por si a força material, salvo algumas excepções individuais, em massa ele levará sempre a melhor. Ao passo que se essa igualdade estiver na natureza, seu reconhecimento será o resultado do progresso e, uma vez reconhecida, será imprescritível.

Criou Deus as almas masculinas e femininas? Fez estas inferiores àquelas? Eis toda a questão. Se assim é, a inferioridade da mulher está nos desígnios divinos e nenhuma lei humana poderia aí interferir. Ao contrário, criou-as iguais e semelhantes e as desigualdades, fundadas pela ignorância e pela força bruta, desaparecerão com o progresso e o reinado da justiça.

Entregue a si mesmo, o homem não podia estabelecer a respeito senão hipóteses mais ou menos racionais, mas sempre controvertidas. Nada no mundo visível poderia dar-lhe a prova material do erro ou do

acerto de suas opiniões. Para se esclarecer, seria preciso remontar á fonte, escavar os arcanos do mundo extra-corporal, que não conhece. Estava reservado ao Espiritismo resolver a questão, não mais pelos raciocínios, mas pelos factos, quer pelas revelações de além-túmulo, quer pelo estudo que diariamente deve fazer sobre o estado das almas após a morte. E, coisa capital, esses estudos não são o facto nem de um só homem, nem das revelações de um só Espírito, mas o produto de inúmeras observações idênticas, feitas diariamente por milhares de pessoas, em todos os países, e que assim receberam a sanção poderosa do controle universal, sobre o qual se apoiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações.

As almas ou Espírito não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isso mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria.

As almas se encarnam, isto é, revestem temporariamente um envoltório carnal, para elas semelhante a uma pesada vestimenta, de que a morte as desembaraça. Esse envoltório material, pondo-as em contacto com o mundo material, nesse estado elas concorrem ao progresso material do mundo que habitam; a actividade que são obrigadas a desenvolver, quer para a conservação da vida, quer à procura do bem-estar, auxilia-lhes o avanço intelectual e moral. A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas ideias e os conhecimentos adquiridos nas existências anteriores. Assim se efectua o progresso dos povos; os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e progrediram; os que

viverem nos séculos futuros serão os de hoje, porém ainda mais adiantados intelectualmente e moralmente.

Os sexos só existem no organismo. São necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão por que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Os Espíritos progredem pelos trabalhos que realizam e as provas que devem sofrer, como o operário se aperfeiçoa em sua arte pelo trabalho que faz. Essas provas e esses trabalhos variam conforme a sua posição social. Devendo os Espíritos progredir em tudo e adquirir todos os conhecimentos, cada um está chamado a concorrer aos diversos trabalhos e a passar por diferentes géneros de provas. É por isso que, alternativamente, nascem ricos ou pobres, senhores ou servos, operários intelectuais ou da matéria.

Assim se acha fundada, sobre as leis mesmas da matéria, o princípio da igualdade, pois o grande da véspera pode ser o pequeno do dia seguinte, desde que, nas relações sociais, reencontramos antigos conhecimentos e no infeliz que nos estende a mão pode encontrar-se um parente ou um amigo.

É com o mesmo objectivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; aquele que foi homem, poderá renascer mulher e aquele que foi mulher poderá nascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições, e sofrer-lhes as provas.

A natureza fez o sexo feminino mais fraco que o outro, porque os deveres que lhes incumbem não exigem

uma igual força muscular e seriam até incompatíveis com a rudeza masculina, nele a delicadeza das formas e a finura das sensações são admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Aos homens e às mulheres, são, assim, assinados deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

Sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu carácter se modifica conforme as circunstâncias e dobra-se às necessidades e às exigências impostas pelo mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do invólucro material, assim como não perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o carácter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o carácter dos sexos. Os que se nos apresentam como homens ou como mulheres, é para nos lembrar a existência em que os conhecemos.

Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal. Numa nova encarnação trará o carácter e as inclinações que tinha como Espírito. Se for avançado, será um homem avançado; se for atrasado, será um homem atrasado. Mudando de sexo, poderá então, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as inclinações e o carácter inerente ao sexo que acaba de deixar. Assim se

explicam certas anomalias aparentes, notadas no carácter de certos homens e de certas mulheres.

Assim, não existe diferença entre o homem e a mulher, senão no organismo material, que se aniquila com a morte do corpo. Mas quanto ao Espírito, à alma, o ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há duas espécies de almas. Assim quis Deus, em sua justiça, para todas as criaturas. Dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade. A desigualdade só existe temporariamente no grau de adiantamento; mas todos têm direito ao mesmo destino, ao qual cada um chega por seu trabalho, porque Deus não favoreceu ninguém às custas dos outros.

A doutrina materialista coloca a mulher numa inferioridade natural, da qual só é elevada pela boa vontade do homem. Com efeito, segundo essa doutrina, a alma não existe ou, se existe, extingue-se com a vida ou perde-se no todo universal, o que dá no mesmo. Assim, só resta à mulher a sua fraqueza corporal, que a coloca sob a dependência do mais forte. A superioridade de algumas é simples excepção, uma bizzarria da natureza, um jogo dos órgãos e não faria lei. A doutrina espiritualista vulgar reconhece a existência da alma individual e imortal, mas é impotente para provar que não há diferença entre a do homem e a da mulher, e portanto uma superioridade natural de uma sobre a outra.

Com a doutrina espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; não é mais uma concessão da força à fraqueza, é um direito fundado nas mesmas leis da natureza. Dando a conhecer estas leis, o

Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade.

ALLAN KARDEC

(In: Revista Espírita, Janeiro de 1866).

*

PARLAMENTO DAS VOZES do INFINITO

O Evangelho enxuga o orvalho de lágrimas no caminho evolutivo

“Se os meus discípulos se calarem, as Pedras falarão.” – JESUS (Lcs., 19:40).

Compreendendo a Imortalidade da Alma e colocando em seu devido lugar a questão do decesso corporal, proclama Paulo, o vidente de Damasco¹: *“(…)porque convém que isto que é corruptível se revista de incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade. Tragada foi a morte. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?”*

Acrescenta Augusto Silva²: *“(…) o Espiritismo decifrou o enigma da Imortalidade, destronando a morte – a Rainha do Silêncio -, substituindo-a, no longo carreiro de pretensos mistérios, pelo **Parlamento das Vozes do Infinito.***

As manifestações mediúnicas prosseguem, na demonstração da Inteligência que na carne viveu; todavia, como todos os influxos do progresso planetário, a aceitação de semelhante verdade é lenta e gradativa...”

Em exuberante arroubo poético, exclama Camilo³: (...) arrebatando as lápides tumulares, e, semelhantes a estrelas vigorosas, desparzindo luzes de esperança por sobre as cabeças esfogueadas das criaturas, um pugilo de nobres Mensageiros cantam as excelências da Vida Maior, como Vozes do Infinito, sensibilizando os que ainda se agitam nas vielas e espinheirais terrenos, rogando orientação e arrimo para os próprios passos.”

Allan Kardec coloca no frontispício do livro básico “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*” um alvissareiro discurso do Espírito da Verdade: “(...) *os Espíritos do Senhor que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do Seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra, e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.*

(...) As grandes Vozes dos Céus ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam.”

O Mundo Corpóreo e o Mundo Espiritual interagem, interpenetram-se, recebendo em regime de reciprocidade, em sublime ressonância, a consequência de tudo que se passa em um e outro. Assim, o principal corolário das manifestações mediúnicas que desvelam os panoramas do Mundo Maior é levar as criaturas à compreensão da² “(...) *necessidade do bem recíproco por afirmações do Amor puro, de vez que a obra infeliz desce à sepultura com o Espírito que a perpetrou, atenazando-*

lhe o cerne, na forja do arrependimento póstumo, e obrigando-o a doloroso trabalho para expungir-lhe os efeitos. O amor vivido, instante a instante, tudo consegue, reerguendo almas, rectificando destinos e refazendo ambientes.”

Complementa Augusto Silva²: “(...) *Eis porque Jesus constitui a porta sempre aberta de nossa libertação, pois o Evangelho Redivivo – fulgurante Sol – dissipa, com imorredoura luz, a noite das trevas e a miragem das ilusões coaguladas à nossa frente, e enxuga, com blandicioso calor, o orvalho de lágrimas e as gotas de sangue que nos encharcam o caminho das provações necessárias, no rumo das vitórias Eternas.”*

Com o Espiritismo, finalmente compreendemos a bimilenar afirmativa do Mestre Maior⁴: “(...) *em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte”!*

1 – Paulo (I Cor., 15:53 a 55);

2 – VIEIRA, Waldo, *Seareiros de Volta*, 4ªed. Rio (de Janeiro): FEB, 1987, p. 50;

3 – TEIXEIRA, Raul, *Vozes do Infinito*. Niterói: FRATER, 1991, p.8;

4 – João, 8:51.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

+

AS DÁDIVAS DA PÁScoa

De cada vez que nos debruçamos sobre a semana da Páscoa, tocamos profundamente três dos muitos pontos que há sempre a referir. O primeiro, é a dádiva que

Jesus faz, no meio de todo o seu sofrimento, para toda a Humanidade, no simbolismo da sua entrega a João, de Maria, como Mãe de todos nós... e pensamos que, no meio de todo o sofrimento em que se debate, Ele é ainda capaz de pensar no que nos oferecer para não ficarmos órfãos! E dá-nos a MÃE, como se Ela fosse o único item do seu testamento de Amor fraterno!

O segundo ponto – e muitas vezes duvidamos de fazermos bem esta classificação: está certo o primeiro, ou este que vamos nomear de seguida é que o deveria ser? Talvez, pelo ‘entranhado’ Amor que temos por Maria, queiramos que o primeiro lhe seja dedicado... Mas o segundo é tão importante como o outro: é quando Jesus, quase exangue, pede:- *“Perdoa-lhes, Pai, que eles não sabem o que fazem!”*

Alguns oradores afirmam que o pedido é feito em favor de todos os desencarnados que rodeiam a cruz, rindo-se da Sua situação; honestamente, pensamos que toda a atitude que levou à sua prisão e factos seguintes teve, a movimentá-la, encarnados e desencarnados, uns influenciando os outros ou atraindo-os. Mas, fosse a Sua súplica pelos desencarnados ou pelos encarnados, ela representa ainda – no seu perdão ao pedir ao Pai por todos eles – a dádiva do Seu próprio perdão para tudo o que Lhe foi feito, recordando-nos também a Sua recomendação para Pedro: *“É preciso perdoar sempre!”* A Sua última lição, o seu último exemplo...

Depois, o terceiro ponto: a Sua aparição a Madalena, aos caminhantes em Emaús, aos apóstolos, fechados em casa... E estas aparições são, também elas, o

comprovativo do que ensinou: a Vida continua, a morte é apenas a porta de passagem!...

Lembrando os ensinamentos do Paracleto, quando nos afirmam, nas mensagens dos Espíritos Superiores, que do mal se pode fazer o bem, todo o cerimonial pascal serão, então, os seus últimos ensinamentos e exemplos, e, para não nos esquecermos do que Ele nos disse, são repetidos, ano após ano, de geração em geração, de maneira a que nos recordemos sempre de todos eles.

Assim sendo, que a Páscoa de Jesus seja sentida por todos nós, no coração e no Amor de cada um.

MANUELA VASCONCELOS

*

SER SEMEADOR...

Na vida, todos somos semeadores... Uns semeiam flores e descobrem belezas, perfumes e frutos. Outros semeiam espinhos e ferem-se nas suas pontas agudas...

Ninguém vive sem semear, seja o bem, seja o mal... Felizes são aqueles que, por onde passam, deixam sementes de amor, de bondade, de afecto...

DIVALDO PEREIRA FRANCO
Bahia – Pero de Lima – Brasil

HOMEMAGEM A KARDEC

Trouxeste, Allan Kardec, à longa noite humana
O Cristo em nova luz – revivescida aurora! –
E onde estejas serás, eternidade afora,
A verdade sublime em que o mundo se irmana.

Em teu verbo solar, a justiça se ufana
De aclarar, consolando, o coração que chora,
A fé brilha, o bem salva, a estrada se aprimora
E a vida, além da morte, esplende soberana!...

Escuta a gratidão da Terra... Em toda parte,
A alma do povo freme e canta ao relembrar-te
A presença estelar e a serena vitória.

Génio, serviste! Herói, exterminaste as trevas!...
Recebe com Jesus, na glória a que te elevas,
Nosso preito de amor nos tributos da História.

AMARAL ORNELLAS

(Psicografia do médium brasileiro Francisco Cândido Xavier).

(Lembrando o Codificador da Doutrina Espírita, cujo aniversário do seu desencarne passa a 31 de Março).

MISSÃO DA MULHER

Cada Dia os acontecimentos da vida vos trazem ensinamentos de natureza a vos servir de exemplo e, contudo, passais sem os compreender, sem tirar uma dedução útil das circunstâncias que os provocam. Entretanto, nesta união íntima da terra e do espaço, dos Espíritos livres e dos Espíritos cativos, ligados à realização de sua tarefa, há desses exemplos, cuja lembrança deve perpetuar-se entre vós: é a paz proposta na guerra. Uma mulher cuja posição social atrai todos os olhares, vai-se, humilde irmã de caridade, levar a todos a consolação de sua palavra, a afeição de seu coração, a carícia de seus olhos. É imperatriz, sobre sua fronte brilha a corôa de diamantes e ela esquece a sua posição, esquece o perigo para ocorrer ao meio do sofrimento e dizer a todos: “Consolai-vos, eis-me aqui! Não sofrais mais, eu vos falo; ficai sem inquietação, eu tomarei conta de vossos órfãos!...” O perigo é eminente, o contágio está no ar e, contudo, ela passa, calma e radiosa, em meio a estes leitos, onde jaz a dor. Nada calculou, nada apreendeu, foi onde a chamava o coração, como a brisa vai refrescar as flores murchas e reerguer as hastes vacilantes.

Este exemplo de devotamento e de abnegação, quando os esplendores da vida deveriam engendrar o orgulho e o egoísmo, é, por certo, um estimulante para as mulheres que sentem vibrar em si essa esquisitice de sentimento que Deus lhes deu para cumprir sua tarefa. Porque elas estão encarregadas principalmente de espalhar a consolação e, sobretudo, a conciliação. Não têm a graça, o sorriso, o encanto da voz e a suavidade da alma? É a elas que Deus confia os primeiros passos de seus filhos; ele as

escolheu como as nutrizes das doces criaturas que vão nascer.

Este Espírito rebelde e orgulhoso, cuja existência será uma luta constante contra a desgraça, não lhes vem pedir que lhe inculque outras ideias que não as que traz ao nascer? É para elas que estende suas mãozinhas, e sua voz, outrora rude e seus acentos, que vibraram como um cobre, adoçar-se-ão como um doce eco, quando disser: mamãe! É a mulher que ele implora, esse doce querubim, que vem aprender a ler no livro da ciência; é para lhe agradecer que fará todos os esforços para se instruir e tornar-se útil à humanidade. – É ainda para ela que estende as mãos, esse jovem que se transviou na estrada e quer voltar ao bem. Não ousará implorar a seu pai, cuja cólera teme, mas sua mãe, tão suave, tão generosa, não terá para ele senão esquecimento e perdão.

Não são elas as flores animadas da vida, os devotamentos inalteráveis, essas almas que Deus criou mulheres. Atraem e encantam. Chamam-nas a tentação, mas deviam chamá-las a lembrança, porque sua imagem resta gravada em caracteres indeléveis no coração dos filhos, quando não mais estão. Não é no presente que são apreciadas: é no passado, quando a morte as leva a Deus. – Então seus filhos as buscam no espaço, como o marinheiro busca a estrela que o deve conduzir ao porto. Elas são a esfera de atração, a bússola do Espírito retido na Terra e que espera encontra-las no céu. São ainda a mão que conduz e sustenta, a alma que inspira e a voz que perdoa e, assim como foram o anjo do lar terreno, tornam-se o anjo consolador que ensina a orar.

Oh! vós que tendes sido fatigadas na Terra, mulheres que sois tidas como escravas do homem, porque vos submetestes a sua dominação, vosso reino não é deste mundo! Contentai-vos, pois, com a sorte que vos está reservada; continuai vossa tarefa; ficai as medianeiras entre o homem e Deus, e compreendei bem a influência de vossa intervenção. – Este é um Espírito ardente, impetuoso; o sangue ferve-lhe nas veias vai-se exaltar, será injusto; mas Deus pôs a doçura em vossos olhos, a carícia em vossa voz. Olhai-o, falai-lhe; a cólera se apaziguará e a injustiça será afastada. Talvez tenhais sofrido, mas tereis poupado uma falta ao vosso companheiro de jornada e vossa tarefa foi cumprida. Aquele ainda é infeliz, sofre, a fortuna o abandona, julga-se um pária!... Mas aí há um devotamento à prova, uma abnegação constante para erguer esse moral abatido, para dar a esse Espírito a esperança que o havia abandonado.

Mulheres, sois as companheiras inseparáveis do homem; com ele formais uma cadeia indissolúvel que a desgraça não pode romper, a ingratidão não deve manchar, e não poderia quebrar-se, porque o próprio Deus a formou e, posto às vezes tenhais na alma essas preocupações sombrias, que acompanham a luta, contudo rejubilai-vos, porque nesse imenso trabalho de harmonia terrena, Deus vos deu a mais bela parte!

Coragem, pois! Ó vós que viveis humildemente, trabalhando por melhorar vosso interior, Deus vos sorri, porque vos deu essa amenidade que caracteriza a mulher; quer sejam imperatrizes, irmãs de caridade, humildes trabalhadoras ou suaves mães de família, estão todas sob a mesma bandeira e levam na frente e no coração estas duas

palavras mágicas, que enchem a eternidade: Amor e Caridade.

CÁRITA

(In: Revista Espírita, Abril de 1867, mensagem em ‘Dissertações Mediúnicas’, em Lyon, 6 de Julho de 1866, do grupo da Sra. Ducard – médium, Sra. E...).

*

SER FELIZ

Você pode ser defeituoso, ansioso e às vezes irritado, mas lembre-se que a sua vida é o maior negócio do mundo.

Só você pode impedir que ele decline. Muitos são aqueles que o valorizam, o admiram, e o amam. E V. não sabe, mas tem pessoas para quem você é especial.

Gostaria que você lembrasse que ser feliz não é ter um céu sem tempestades, caminhar sem acidentes, trabalhar sem cansaço, relacionamentos pessoais sem decepções.

Ser feliz é encontrar força no perdão, esperança nas batalhas, segurança no medo, amor na discórdia. Ser feliz não é só valorizar o sorriso, é também reflectir sobre a tristeza. Não é só celebrar o sucesso, é aprender com o fracasso. Não é só ter alegria com aplausos, mas sim ter alegria no anonimato.

Ser feliz é reconhecer que a vida vale a pena viver, apesar de todos os desafios, tristezas, desentendimentos e períodos de crise emocional e económica.

Ser feliz não é um destino, mas sim uma conquista para quem sabe viajar no seu próprio ser. Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e tornar-se actor da sua própria história. É como caminhar por desertos fóra de si mesmo, mas ser capaz de encontrar um oásis no fundo da nossa alma.

É agradecer a Deus todas as manhãs pelo milagre da Vida.

Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É tudo sobre saber falar sobre si mesmo. Ter a coragem de ouvir um “não” mesmo de quem você ama. É sobre ter a segurança de ouvir críticas, mesmo que sejam injustas. É abraçar crianças, acariciar pais, ter momentos poéticos com amigos, mesmo que eles nos machuquem.

Ser feliz é deixar viver a criatura, livre, feliz e simples que vive em cada um de nós.

Ser maduro, é dizer “eu estava errado”. Ter a coragem de dizer “perdoa-me”. É ter a sensibilidade de dizer “eu preciso de você”. É ter a capacidade de dizer “eu te amo”.

Que sua vida se torne um jardim de oportunidades para ser feliz.

Que você seja um amante da alegria em suas fontes. Que você seja um amigo de sabedoria e paz em seus

invernos. E quando você dá errado no caminho, você começa de novo. Bem, você será mais apaixonado pela vida.

E você vai descobrir que ser feliz não é ter uma vida perfeita. Mas, use lágrimas para tolerar água. Use as perdas para aprimorar sua paciência. Use falhas para esculpir serenidade. Use o prazer para afastar a dor. Use obstáculos para abrir janelas de inteligência.

Nunca desista. Nunca desista das pessoas que você ama. Nunca desista da felicidade, pois a vida é um espectáculo imperdível!

PAPA FRANCISCO

*

SER MULHER...

Ser mulher
É sentir e dar ternura,
Acarinhar com doçura
O Amor que Deus nos der...
É usar e impor respeito,
Acalentar junto do peito
A ilusão que se tiver!
É ser irmã, companheira,
Ser a amiga, enfermeira,
Sem sentir a própria dor...
É velar, sorrir, chorar,
Silenciar ou falar...

Tudo fazer com Amor!
É ser o Anjo da Guarda
Do companheiro que tarda,
Do filho que um dia venha...
É ser tudo... e não ser nada!,
É sentir-se acompanhada
Se a solidão a acompanha!
... É cantar quando se chora,
Rir à dor que nos namora,
Que o dia a dia trouxer...
Não é nada ... e é tudo isto,
E sabe Deus porque existo,
Porque vivo... e sou Mulher!

MANUELA

(Lourenço Marques, 1959).

*

PAIS MAUS

Um dia, quando os meus filhos forem suficientemente crescidos para compreenderem a lógica que motiva os pais e as mães, eu hei-de dizer-lhes:

- Eu amei-vos o suficiente para ter perguntado onde vão, com quem vão e a que horas vão voltar.

- Eu amei-vos o suficiente para não te ficado calado e fazer com que vocês soubessem que aquele novo amigo não era boa companhia...

- Eu amei-vos o suficiente para vos fazer pagar os rebuçados que tiraram do supermercado ou as revistas da banca dos jornais, e para vos fazer dizer ao dono: “Nós tirámos isto ontem, e queremos pagar”.

- Eu amei-vos o suficiente para ter ficado com vocês duas horas em pé, enquanto limpavam o vosso quarto, tarefa que eu teria feito em 15 minutos...

- Eu amei-vos o suficiente para vos deixar ver, para lá do amor que sentia por vocês, o desapontamento e as lágrimas nos meus olhos.

- Eu amei-vos o suficiente para vos deixar assumir a responsabilidade dos vossos actos, mesmo quando os castigos eram tão duros que me partiam o coração.

- Mais do que tudo, eu amei-vos o suficiente para vos dizer NÃO, quando sabia que vocês podiam odiar-me por isso (e nalguns momentos até odiaram).

Estas eram as batalhas mais difíceis de todas. Estou contente, venci... Porque, no fim, vocês venceram também!

E qualquer dia, quando os meus netos forem suficientemente crescidos para entenderem a lógica que motiva os pais e as mães e perguntarem aos seus pais e meus filhos, se os pais deles eram maus, os meus filhos vão-vos dizer:

- “Sim, os nossos pais eram maus. Eram os piores do mundo... As outras crianças comiam doces ao pequeno-almoço e nós tínhamos que comer cereais, ovos,

torradas. As outras crianças bebiam refrigerantes e comiam batatas fritas e gelados ao almoço e nós tínhamos que comer arroz, feijão, carne, legumes e fruta. Os nossos pais tinham que saber quem eram os nossos amigos e o que nós fazíamos com eles.

-“Insistiam que lhes dissessemos com quem íamos sair, mesmo que demorássemos apenas uma hora ou menos. Os nossos pais insistiam connosco para que lhes dissessemos sempre a verdade e só a verdade.

-“E quando eramos adolescentes, eles até conseguiam ler os nossos pensamentos. A nossa vida era mesma chata!... Os nossos pais não deixavam os nossos amigos tocarem a buzina para que saíssemos; tinham que subir e bater à porta, para que os nossos pais os conhecessem.

-“Enquanto todos podiam voltar tarde à noite, com 12 anos, tivemos que esperar pelo menos pelos 16 para chegar um pouco mais tarde, e aqueles chatos levantavam-se para saber se a festa tinha sido boa (só para verem como estávamos ao voltar).”

-“Por causa dos nossos pais, perdemos imensas experiências na adolescência: nenhum de nós se meteu nas drogas, no roubo, em actos de vandalismo, em violação de propriedade, nem fomos presos por nenhum crime. Foi tudo por causa dos nossos pais.

-“Agora, que já somos adultos, honestos e educados, estamos a fazer o melhor para sermos «Pais Maus», como eles foram.”

Acho que este é um dos males do mundo de hoje:
“Não há suficientes Pais Maus!”

DR. CARLOS HECKTHEUER

(In Revista Espírita Verdade e Luz, do Centro Espírita Batuira, de Algés, e transcrito do Jornal “Espiritismo Estudado”, nº. 20, de Votuporanga, Brasil).

*

EXISTE UMA PEDAGOGIA ESPÍRITA?

Os que negam a existência de uma Pedagogia Espírita desconhecem o significado da palavra pedagogia. Ouvimos, abismados e deprimidos, confrades afirmarem com muita ênfase que não existe e nem há necessidade que exista uma Pedagogia Espírita. Absurdo! Vamos analisar o que é educação e o que é pedagogia para ver que não podemos negar a existência de uma pedagogia entranhada nos livros doutrinários.

O que é educação? É o desenvolvimento de todas as perfectibilidades do ser; é a integração do ser na cultura de seu tempo. É regeneração, é transformação.

E o que é pedagogia? É teoria de educação, conjunto de princípios que visam a um programa de acção. É o estudo dos ideais de educação, segundo uma determinada concepção de vida, e dos meios mais eficientes para realizá-los. Uma determinada pedagogia é sempre um acabamento de uma filosofia.

E o Espiritismo o que é? Uma nova concepção de vida, diferente da católica e da protestante, da materialista e de outras doutrinas filosóficas e religiosas. Apresenta novos valores, respeitando as concepções científicas vigentes. É ciência, é filosofia e é religião. É educação individual e é educação aplicada por pessoas especializadas, por técnicos. Como diz Herculano Pires: “A prática da educação só será eficiente se apoiada numa teoria espírita de educação.”

A educação espírita é o processo de formação universal das novas gerações para o mundo novo, que o Espiritismo faz surgir na Terra. A Pedagogia Espírita vai orientar o desenvolvimento da educação espírita, fornecendo-lhe elementos capazes de disciplinar a acção educativa das escolas espíritas. A educação espírita familiar continuará na educação dada nos Centros, mas necessitará da complementação dada nas escolas espíritas. Esse é o processo natural da educação social. Não podemos reduzir a Educação Espírita só ao aspecto inicial do processo.

Se a educação judaica possuía sua pedagogia superada pela pedagogia cristã; se a pedagogia cristã foi superada pela protestante, e essa pela materialista, o Espiritismo exige uma pedagogia própria baseada nos princípios doutrinários espíritas. Pedagogia que será fruto da filosofia e da ciência espírita.

Cursos de Pedagogia Espírita farão nascer os pedagogos espíritas.

O Espiritismo não pode ficar confinado nos Centros ou será uma nova seita de ignorantes, incapazes de

compreender seu papel regenerador, apegados apenas ao aspecto religioso da doutrina.

A pedra inicial da Pedagogia Espírita é: o educando é um reencarnado. A partir daí surge a necessidade de novos métodos educacionais. O reencarnado veste “a roupagem de inocência”, mas trará consigo o produto de suas experiências felizes ou infelizes do passado.

A Pedagogia Espírita vai considerar o educando como um paranormal. O educando tem percepções extrafísicas, ou, como diz Kardec, “não está fechado no corpo físico como um pássaro numa gaiola.” Experiências da Rússia provam que os indivíduos vêm não só com os olhos do corpo físico mas, mediante condicionamento, com o corpo todo.

A Pedagogia Espírita considera o inexistente, o ser vivendo entre dois mundos, o material e o espiritual. A mente do educando é um receptor e transmissor de correntes telepáticas; o ser mantém a cada instante de sua vida relações com desencarnados que auxiliam ou que estimulam em suas imperfeições. O educador espírita vai considerar os processos obsessivos e as interferências do “outro mundo na mente do educando”.

A Pedagogia Espírita estudará os melhores meios para evitar que o ser continue no círculo vicioso das reencarnações estéreis.

A Pedagogia Espírita não visará apenas formar o profissional competente, o aqui e o agora, mas o aprimoramento do ser espiritual transitoriamente revestido de corpo físico. O profissional espírita será eficiente mas

será antes de tudo, o cristão que amará o próximo como a si mesmo.

A Pedagogia Espírita considerará a dor sob novo prisma, não como castigo, nem como fruto do acaso, mas como “a alavanca que impulsiona o ser ao progresso, à perfeição”.

A Pedagogia Espírita considerará não apenas o vigente, que come e dorme como os animais, mas o existente, que produz algo em benefício dos seus semelhantes.

A Pedagogia Espírita devolve ao ser sua unidade, considera a sua natureza espiritual e sua natureza animal e, o que é mais importante, vai induzi-lo a superar a sua animalidade, como já aconselhava o apóstolo Paulo.

Graças a essa nova teoria da educação, o indivíduo compreenderá a finalidade de sua existência.

Seria absurdo, em pleno século XX, falar em autodidatismo. É necessário a sistematização da Pedagogia Espírita que será aplicada nas escolas espíritas.

HELOISA PIRES

(In: Revista Espírita Brasileira INFORMAÇÃO, de S. Paulo, em Setembro de 1984).

*

